

Diálogos entre Arte e Moda no trabalho de Vanessa Beecroft.

Vörös, Anna; Mestranda em Design; Universidade Anhembi-Morumbi
annavoros@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta algumas conexões entre Arte e Moda presentes na obra da artista e *performer* Vanessa Beecroft. Por intermédio de um estudo de caso e de leituras selecionadas de pesquisas realizadas por Rachel Ward e RoseLee Goldberg, destacou-se a consonância dos temas acerca dos quais Vanessa reflete com as problemáticas contemporâneas relativas ao corpo, à moda e à padronização que reverberam mundo afora.

Palavras Chave: *Vanessa Beecroft, moda, arte contemporânea, corpo.*

Abstract

This paper aims at presenting the connections between Arts and Fashion as seen in the works of Vanessa Beecroft, artist and performer. Through a case study and selected readings carried out by Rachel Ward and RoseLee Goldberg, it was possible to highlight the concurrency of the themes upon which Vanessa reflects with the contemporary questionings related to body, fashion and standardization that reverberate throughout the world.

Keywords: *Vanessa Beecroft, fashion, contemporary art, body.*

1. Introdução

O escrito que se apresenta traz uma análise pontual sobre articulações existentes entre Arte e Moda. Para tanto, realizou-se um estudo de caso sobre parte da trajetória artística de Vanessa Beecroft. Artista e *performer*, ela se utiliza de diferentes estratégias expressivas que se aproximam de linguagens presentes na Moda.

Para ilustrar diálogos entre as duas áreas presentes em seus trabalhos, foram traçados paralelos entre obras da artista com desfiles, editoriais de moda e outras imagens da moda prêt-à-porter, evidentemente comercial. Desse modo, se expõem relações entre as duas áreas, tanto em termos formais quanto semânticos. Por fim, delineiam-se considerações sobre apropriações e conexões entre essas duas áreas do conhecimento em um trabalho autoral e artístico.

2.1 A performance como expressão artística

Conforme RoseLee Goldberg (2006) pontua, a performance mostrou-se historicamente como uma forma de expressão artística que procura questionar ou romper padrões expressivos. Nelas, o artista executa ações que tratarão de um tema, como numa espécie de encenação.

A performance é diferente da encenação teatral clássica. Nesta, existe um texto para ser memorizado, personagens a serem encarnados, projetos e cenas estudados, ensaiados e apresentados. Naquela, a improvisação, as reações do público, interferências de fatos e da passagem do tempo no transcurso da apresentação incorporam-se à encenação, tornando-se parte da criação. E, a principal diferença reside no fato de que o artista é o próprio personagem, como, por exemplo, não está representando um papel ou decorando falas.

Artistas em diferentes períodos recorreram à performance como uma maneira de experimentar suas ideias, discutir conceitos ou provar novas soluções diante de impasses conceituais ou dos limites materiais de expressão (Goldberg,2006).

Segundo Goldberg, “as demonstrações ao vivo sempre foram usadas como uma arma contra os convencionalismos da arte estabelecida”. Assim, tanto limites concretos, materiais, quanto “emoldurações” dos temas tratados puderam ser extrapolados, atualizados e recriados através da dinâmica estabelecida durante o desenrolar da performance.

2.2 A trajetória de Vanessa Beecroft

Na obra de Vanessa Beecroft¹ observa-se a adarência da performance como meio de expressão para suas problematizações, apresentando afinidade com aquele intuito de extrapolar barreiras e questionar convencionalismos.

Em sua primeira *performance*, de 1993, Vanessa Beecroft trouxe à tona questões subjetivas. Selecionou várias mulheres muito parecidas consigo (magras, loiras e altas) e as fez vestir suas próprias roupas. Nela, abordava íntimas questões de um modo explícito, representando crises suas em relação à sua aparência e à perfeição.



Imagens da performance VB 01, de 1993. As fotografias apresentam cortes e pontos de vista dos corpos semelhantes aos dos editoriais de moda. A tela da televisão emoldurando-as toca o tema *observar-se e ser observado*.

Segundo Marc Montijano Cañellas (2007) a artista começou a fazer *performance* por sentir que esse era o modo mais realístico para representar sujeitos vivos. Escolha reforçada pelo seu tema central: os corpos, seus padrões de representação e as histórias corporificadas.

Cañellas (2007) propõe ainda que a obra da artista seja permeada por elementos autobiográficos. Sugestão reforçada pelo fato de Vanessa ter sofrido anorexia e distúrbios alimentares na adolescência e juventude. Inclusive pela recorrência, em seus trabalhos, da problematização sobre os padrões de beleza femininos enraizados na cultura ocidental, notadamente a aparência e magreza.

Nota-se, até mesmo, que esses conteúdos são frequentemente propagados por estratégias de consumo no contemporâneo, embora de maneira muito distinta à forma de Beecroft. Mas constitui como um dos pontos de convergência de sua obra com a Moda, pois, tratando-se dessa área em particular observa-se que essa temática está evidentemente a ela conectada.

Sobre a constante temática dos padrões de beleza e de corpo, Rachel K. Ward (2008) traz uma interessante reflexão. A autora cita que Vanessa, por ser italiana, traz consigo fortes referenciais estéticos - frutos de um país

¹ A artista *performer* italiana nasceu em Gênova em 1969.

historicamente pleno de movimentos artísticos, como o Renascimento e sua busca pela perfeita beleza e harmonia.

Outro ponto relevante que destaca outra aproximação com a Moda está na atuação feita por grupos de pessoas. Assim como caminham várias pessoas na passarela, suas *performance* são como uma espécie de ato coletivo. E, em ambos há uma direção - seja do estilista, designer ou da artista - que determina um roteiro, as posições e movimentação das pessoas que estão atuando.

Cabe ressaltar que a artista nomeia suas *performance* através de um código: a sigla VB (Vanessa Beecroft) + o número da *performance* conforme a ordem cronológica da encenação. Assim, aloca a obra em um determinado espaço de tempo e ainda enfatiza uma característica significativa do prêt-à-porter: classifica suas obras como algo produzido em série, como se estivesse usando etiquetas numeradas. Utilizando-se dessa analogia, a artista realoca suas obras em um “status” praticamente desprovido de aura artística, como algo que é projetado e produzido como um objeto de consumo.

Algumas de suas estratégias de expressão são bastante evidentes, como a semelhança física entre as (os) modelos² e a pouca diferença de idade entre elas. Outra característica marcante está limitação da movimentação. Submetidas a uma posição firme e quase estática, os movimentos lentos são decorrentes das mudanças de postura que as modelos, devido ao cansaço físico, exprimem no transcurso da *performance*. Submerge, então, mais uma forma expressiva: a contraposição de corpos aparentemente perfeitos (sob um determinado padrão estético contemporâneo) que se “desmontam” perante as frágeis e tênues corporeidades.

A evidência do olhar, ou melhor, da sensação de ser visto revela outra importante estratégia, presente tanto na postura da artista como uma observadora atenta (como se fosse uma diretora de cinema) quanto na platéia que observa o desenrolar da obra. Estratégia manifesta ainda na preferência da artista em registrar suas *performance* predominantemente através das lentes fotográficas ou de câmeras de vídeo³. Escolha que possibilita que suas obras sejam vistas e revistas.

Em sua produção a partir da década de 2000, nota-se que há predominância de corpos praticamente despídos: corpos com expressões

² Na grande maioria Vanessa convoca mulheres para atuar em suas obras.

³ Disponibilizado no próprio site da artista: [http:// www.vanessabeecroft.com](http://www.vanessabeecroft.com).

idênticas, quase isentos de emoções, expressando aparências praticamente homogêneas.

3. Vanessa Beecroft e a moda

Os entrelaçamentos entre Arte e Moda no trabalho de Beecroft expressam-se de diferentes maneiras: no processo criativo, nos temas e técnicas de expressão.

As fotografias e vídeos de Vanessa Beecroft evidenciam recursos da linguagem da Moda e desfiles: a pose, posturas e modo de movimentação das modelos, bem como o ângulo das fotos, a utilização de maquiagem e tratamento dos cabelos.

Na comparação de fotografias de editoriais de moda com as obras de VB citam-se algumas características como: a postura estática dos modelos (imitando um determinado movimento de forma quase artificial); os enquadramentos das fotos que cortam partes do corpo; a iluminação enfocada em determinadas partes do corpo (forçando a direção do olhar para aqueles pontos); a aparência da pele com uma textura quase plástica, brilhante e ausente de imperfeições; o olhar direcionado para o infinito ou expressões faciais dando a impressão de “congelamento” ou “eternização” do tempo.



Fotografias da performance **VB 43**, na Gagosian Gallery, Londres, Inglaterra. Essas fotos ilustram diferentes momentos transcorridos durante a performance, sendo a primeira foto à direita o registro do início.



À esquerda, apresentação da Coleção de Primavera Calvin Klein. Fonte: <<http://models.com>> Acesso em 18/11/2010, às 17:32. À direita, foto de divulgação da pulseira Alex Palma para Marcelu Ferraz. Fonte: <http://alexpalma.com.br/blog/?tag=moda>

Semelhante a dinâmica dos desfiles de moda, Vanessa atua como uma espécie de diretora de arte ou estilista. O figurino, a iluminação, o local e o tempo de duração são construídos conforme o tema que desenvolve. Porém, diferente do tempo dos desfiles, o andamento do tempo em suas obras é lento e a noção de passado é quase imperceptível. Esse ritmo construído pode ser

modificado segundo orientações da artista, que ora indica mudanças de posição, ora de atuação. Dessa forma, VB limita a ação do corpo em determinado tempo/espço.

A conexão com as passarelas igualmente se verifica com a seleção de modelo de corpo que estará em suas produções. Eles são semelhantes ao padrão estético da maioria dos desfiles. Nesse intuito, Vanessa seleciona profissionais - artistas, modelos de passarela ou outras - que mais se adequam a suas intenções. Diferentemente das modelos que se expressam ao caminhar e se movimentar nas passarelas, as modelos magras e esguias nas obras de VB são corpos passivos, sem expressão individual. Embora em algumas obras estejam em posições sedutoras ou eróticas, elas apresentam poucas reações perante o público que as observa. Mesmo diante de suas próprias reações físicas (quanto ao cansaço, frio calor) continuam a não aparentar reações emocionais.

Pode-se dizer que esses corpos estão em uma situação semelhante ao das modelos, porque parece que os emprestam para que sirvam de “mostruário”, como nos desfiles. As modelos, quando participam das *performance*, não expressam suas identidades, não se comunicam, como que postas ali como simples meio de expressão. Ou seja, a presença corpórea restringe-se a determinações da artista, que acompanha todo desenvolvimento da *performance*, interferindo-a segundo sua idéia ou projeto.

4. Considerações em pauta

Questionamentos sobre o corpo, padrões de beleza, a aparência e o vestir estão presentes tanto no mundo da arte quanto no da moda. Pesquisas sobre o corpo pelo viés da moda ou da arte demonstram o interesse em compreender os corpos como meios de expressão, convidando-nos a refletir sobre ambas áreas como via de expressão subjetiva, cada uma à sua maneira.

Vanessa Beecroft demonstra sintonia com estas questões. Na transposição de elementos próprios de rituais da Moda expressa sua problemática. De uma maneira perspicaz, Vanessa parece captar uma espécie de força que os impulsiona, quer seja, a manifestação de visões de mundo.

Beecroft indica uma busca pela manifestação do corpo enquanto presença humana, desmistificando o sensacionalismo e a espetacularização presentes nos desfiles de moda ou campanhas publicitárias. Traz a presença concreta dos corpos de modo a desmontar imagens indefinidamente

propagadas e opressoras. Ela trata sobre conteúdos humanos, sobre uma busca incessante de ser e estar, do descobrir-se. Afinal, os corpos mostram-se quase sem roupa, com apenas algumas peças do vestuário – sapatos, chapéus, bonés. Objetos que de certa forma marcariam uma pista sobre a identidade de gênero, posição social, cor da pele ou cultura onde se inserem esses corpos, conforme reiteram Mary Douglas e Baron Isherwood (2004).

Tendo o corpo como tema ou questionamento principal, apresenta uma abertura para outras questões incitadas por conteúdos próprios da platéia. Define Vanessa, ao descrever seu trabalho a Rachel Ward: "I consider my *performance* to be one body of work stored in different parts of the world." ⁴

Sendo assim, conteúdos pessoais, culturais e subjetivos corporificam-se na medida em que os espectadores da atitude questionadora de Vanessa traduzam seu trabalho através de seus próprios repertórios.

5. Referências

CAÑELLAS, Marc Montijano. Las pinturas vivas de Vanessa Beecroft. In: **Homines**, 2007. <http://www.homines.com/arte_xx/vanessa_beecroft/index.htm> Acesso em 29/10/2010.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron; tradução DENTZIEN, Plínio. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da performance: Do Futurismo ao Presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEECROFT, Vanessa. **VB 45**. Vista da performance no Kunsthalle, Viena, Áustria, 2001. <http://intra.vila.com.br/sites_2002a/urbana/antonia/beecroft.html> Acesso em 16/11/2010.

WARD, Rachel K. **Art Vs. Fashion**. Lecture given at the Cornell Fine Arts Museum, 27 de Março de 2008. <<http://www.rachelkward.com/artvfashion.html>> Acesso em 16/11/2010.

⁴ "Eu considero minhas performances como um corpo de trabalho armazenado em diferentes partes do mundo". Tradução livre da autora.